

TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO NA PERSPECTIVA DO ENSINO ESTRUTURADO

Patrícia Batista Leitão*

RESUMO

O autismo é descrito como uma alteração grave do desenvolvimento e seus sintomas são tipicamente percebidos entre os 18 e os 36 meses de idade, possivelmente como resultado de alteração neurológica que afeta o funcionamento do cérebro. Na literatura científica, atribui-se o adjetivo 'invasivo' ao quadro, como referência ao intenso e desconcertante impacto que sofrem áreas importantes do desenvolvimento, como as áreas da interação social recíproca e das habilidades de comunicação, bem como a capacidade de criar, de imaginar, de flexibilizar, cuja principal implicação está na presença de comportamentos repetitivos e de interesse por atividades estereotipadas. Este transtorno do desenvolvimento, complexo e abrangente, ocasiona na criança características de aprendizagem singulares, que demandam necessidades educacionais especiais. O presente artigo ressalta a importância do ensino estruturado, na perspectiva do Programa TEACCH, na educação das crianças com TEA, na experiência da APAE de Pará de Minas. Foram levantados aspectos referentes à dificuldade na aprendizagem dessas crianças no ensino tradicional da escola comum, a necessidade de adequações curriculares e a relevância das intervenções nas crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) até os cinco anos de idade. Os resultados positivos e as implicações desta experiência com os alunos com TEA, na APAE de Pará de Minas, demonstraram a necessidade de implementação do ensino estruturado desde a mais tenra idade, possibilitando oferecer uma educação baseada no estilo de aprendizagem dessas crianças.

Palavras-chave: Autismo. Ensino Estruturado. Educação.

ABSTRACT

The autism is described as a serious change of development and its symptoms are

* Psicóloga, psicopedagoga, pós-graduada em Educação na Perspectiva do Ensino Estruturado para Autistas pela FEAPAES, em parceria com o Grupo Educacional OPET e Infoco, coordenadora da reabilitação intelectual e autismo do Centro Especializado em Reabilitação da APAE de Pará de Minas.

typically perceived between 18 and 36 months of age, probably as a result of a neurologic disturbance that affects the brain function. In the scientific literature the adjective “invasive” is assigned to the condition, as a reference to the intense and disconcerting impact on important areas of development, such as reciprocal social interaction, communication abilities and the creation, imagination and flexibility capacities, presenting the repetitive behavior and the interest in stereotyped activities as the main implications. This complex and extensive disorder of development causes in the child singular characteristics of learning that demand special education necessities. This article emphasizes the importance of a structured education based on the TEACCH Program with the perspective in the education of children with ASD (Autism spectrum disorder) according to the know-how of APAE from Pará de Minas. Some aspects were pointed, such as the learning difficulties of the children in the traditional education of the common school, the curriculum adjustment necessity and the relevance of the intervention in the 5-years-old children with ASD. The positive results and the implication of this research with autistic students from APAE of Pará de Minas demonstrated the necessity of a structured education since the young age providing an education based on a learning style for children with ASD.

Keywords: Autism. Structured Education. Education.

INTRODUÇÃO

Autismo é o termo geral utilizado para descrever o complexo grupo de desordens neurodesenvolvimentais conhecido como Transtornos do Espectro do Autismo (TEA). Nesta definição, *neuro* significa que é neurológico, ou que envolve o cérebro e o sistema nervoso. O termo *desenvolvimental* explica que o início do transtorno é na infância e que este altera o curso do desenvolvimento da criança.

O transtorno do espectro do autismo engloba transtornos antes chamados de autismo infantil precoce, autismo infantil, autismo de Kanner, autismo de alto funcionamento, autismo atípico, transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação, transtorno desintegrativo da infância e transtorno de Asperger (MANUAL..., 2014, p. 53).

Os efeitos do TEA afetam várias áreas: a linguagem, a interação social e o

comportamento. Além disso, as crianças com autismo apresentam percepções sensoriais alteradas, dificuldades de aprendizagem, problemas médicos e psiquiátricos e uma variedade considerável de sintomas. O Transtorno do Espectro do Autismo se caracteriza por um quadro clínico, no qual os indivíduos demonstram diminuição qualitativa da comunicação social e da interação, restrição de interesses, além de apresentarem comportamentos estereotipados e maneirismos. O autismo é caracterizado por anormalidades qualitativas e abrangentes do desenvolvimento. Na maioria dos casos, a manifestação dos sintomas ocorre nos primeiros três anos de vida da criança, ocasionando um desvio em relação ao nível de desenvolvimento esperado para sua idade, podendo estar associado a deficiência intelectual ou outras comorbidades. Os dados epidemiológicos internacionais indicam uma maior incidência de TEA no sexo masculino, com uma proporção de cerca de 4,2 (quatro vírgula dois) nascimentos, para cada nascimento do sexo feminino. A prevalência é estimada em um em cada 68 nascimentos (Centers for Disease Control and Prevention, 2012). O TEA, enquanto transtorno do neuro desenvolvimento, é fruto da interação de fatores genéticos e ambientais e parte de um amplo espectro de desordens. As manifestações comportamentais de pessoas com TEA podem variar de leve a grave.

Considerar os TEA como uma condição maior, que compreende tal variabilidade, é levar em conta a individualidade, as necessidades particulares, as habilidades, os graus de severidade e o tipo de apoio de que cada pessoa irá precisar em sua vida doméstica, social e escolar (LEON; FONSECA, 2013, p.180).

Realizado o diagnóstico, as intervenções podem acontecer tanto na área clínica, quanto na escolar. A literatura indica algumas situações favoráveis ao desenvolvimento da criança com TEA desde a mais tenra idade. São citadas como fundamentais a intervenção precoce e comportamental, para o manejo do comportamento e a integração sensorial; a fonoaudiologia, para apoiar a comunicação e a educação especial, no sentido de implementar um Plano Individual de Intervenção Educacional; a avaliação e as adaptações/adequações, no caso da escola comum. A escola é considerada uma das formas mais efetivas para ajudar a criança com TEA. Essa criança pode aprender tanto numa escola especial, como

numa escola comum. Contudo, é necessário que se faça adaptações, que se individualize o ensino e que se tenha conhecimento teórico sobre o TEA.

A EDUCAÇÃO ESPECIAL NA APAE DE PARÁ DE MINAS

O Movimento Apaeano teve início há mais de 60 anos no Brasil, com a fundação da primeira Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) no Rio de Janeiro. Fazendo parte deste Movimento, a APAE de Pará de Minas foi fundada em 26 de março de 1969. Sua criação se deu com um movimento iniciado por pais de pessoas com deficiência, que sentiam a necessidade de serviços especializados para seus filhos, nesta cidade. Atualmente, a APAE de Pará de Minas oferece serviços nas áreas de Assistência Social, Educação e Saúde. Por meio de suas ações, a APAE de Pará de Minas busca melhorar a qualidade de vida da pessoa com deficiência intelectual, múltipla e autismo, oferecendo-lhe maiores possibilidades para uma vida diária prática e independente. Legalmente regularizada, a Escola de Educação Especial Dr. Lage, da APAE de Pará de Minas, pertence ao sistema regular de ensino, na modalidade de Educação Especial e integra o sistema comum de educação formal, de forma substitutiva e complementar. A Escola Especial Dr. Lage destina-se a oferecer escolaridade especializada a crianças, adolescentes, jovens e adultos, com deficiência intelectual e múltipla, que apresentem necessidade de ambientes alternativos e adaptações mais amplas, como as curriculares e as relativas a objetivos, métodos, técnicas, conteúdos, avaliação, temporalidade, materiais, equipamentos, cuidados e serviços. Assim, a Escola Especial Dr. Lage se divide em Educação Infantil, Ensino Fundamental Anos Iniciais, Educação de Jovens e Adultos Anos Iniciais e Finais.

Em termos da trajetória da educação dos alunos com TEA, na APAE de Pará de Minas constatou-se a necessidade de uma proposta educacional diferenciada daquela que a instituição já realizava com os outros alunos com deficiências diversas, a partir do conhecimento que o Transtorno do Espectro do Autismo afeta as pessoas de forma global e invasiva, trazendo um estilo cognitivo e de aprendizagem muito peculiares. A busca por essa nova proposta educacional se estendeu por vários anos, ao longo dos quais foi possível conhecer diversas abordagens para as pessoas com esse transtorno. Foi neste contexto de busca de intervenções junto às pessoas com TEA, que se encontrou o Programa TEACCH,

uma sigla que significa “Tratamento e Educação para Crianças com Autismo e Transtornos relacionados à Comunicação” (TEACCH). Trata-se de um modelo de intervenção, que envolve tanto a esfera educacional, quanto a clínica.

Contempla não só toda a questão pedagógica e formal da aprendizagem da criança, com base na análise de suas condições individuais, como também desenvolve estratégias para lidar com problemas de comportamento que essa população apresenta, convergindo para uma prática de intervenção psicoeducacional (LEON; FONSECA, 2013, p. 180).

O Programa Treatment and Education of Autistic and Communication Handicapped Children (TEACCH) foi criado na década de 1960, no Departamento de Psiquiatria da Universidade da Carolina do Norte, nos EUA, para atender a crianças com autismo. Chegou ao Brasil após 25 anos de práticas e pesquisas em outros países. Desde o ano 2000, a APAE de Pará de Minas adotou a proposta do TEACCH para os alunos com TEA. Por meio da consultoria da AMA- Associação dos Amigos do Autista, de São Paulo, foram ministrados, por dois anos, cursos teóricos e práticos, orientações, supervisões e reorganizações *in loco* (físicas, estruturais, curriculares etc.), possibilitando colocar em prática um ensino que considera os interesses, as facilidades, as dificuldades e as necessidades individualizadas, resultantes dos déficits causados pelo autismo. Já se somam, portanto, 15 anos de experiência com esta abordagem educacional.

Inicialmente, foi formada uma equipe multidisciplinar, com os profissionais da APAE, que se identificaram com este trabalho. Essa equipe foi composta por psicóloga, fonoaudióloga, terapeuta ocupacional, assistente social, pedagoga, professor de educação física, professores regentes e monitores. A equipe, juntamente com a consultoria da AMA, desenvolveu a nova proposta educacional da Escola Especial Dr. Lage, da APAE de Pará de Minas. Os alunos com autismo que frequentavam a APAE foram enturmadados de acordo com a idade cronológica, seu percurso escolar e nível de funcionamento. Não havia alunos com outras deficiências nessas turmas, apenas autistas, sendo todas as turmas do ensino fundamental.

Note-se que as crianças com TEA, em idade para frequentar educação infantil, achavam-se incluídas nas escolas comuns, sob o pressuposto que

precisavam socializar e ter modelos de crianças típicas para imitar. A APAE oferecia tratamentos na área da saúde para essas crianças e os acompanhava com a equipe itinerante, na escola comum.

Ao longo dos anos, foram se evidenciando avanços significativos na comunicação, nas atividades de vida diária, nos comportamentos pivotais necessários à aprendizagem acadêmica dos alunos com TEA, na interação social e no comportamento, pois o trabalho seguia os princípios, as estratégias e a fundamentação teórica do ensino estruturado. Nesta proposta, os alunos, inicialmente, são avaliados, levando-se em conta os pontos fortes e suas maiores dificuldades, possibilitando a elaboração de um programa individualizado. O Plano Educacional Individual parte dessa avaliação e considera a idade cronológica, a escolaridade e o nível de funcionamento. As estratégias de comunicação, de apresentação das tarefas e das estratégias comportamentais são específicas para cada aluno e de acordo com seu nível de compreensão. A equipe voltada para este público, na APAE de Pará de Minas, atua de forma generalista, não compartimentalizando as necessidades dos alunos em áreas específicas, mas contribuindo para um planejamento em que o aluno é visto de forma global. Nessa proposta educacional, a equipe tem que compartilhar os mesmos conhecimentos e trabalhar junto, para que o enfoque seja educacional e não clínico.

Devido à necessidade de atualização dos conhecimentos acerca do autismo e do TEACCH, esta equipe sempre participou de cursos, congressos, seminários e visitas a outras instituições. Dessa forma, o trabalho foi sofrendo as modificações e os ajustes necessários. Com esses constantes aprendizados e com a experiência prática, muitas dúvidas e questionamentos começaram a surgir. Uma delas era a respeito da inclusão dos alunos com autismo na escola comum, em Pará de Minas. A prática mostrava mais fracassos que êxitos, pois os alunos mantinham a dificuldade na socialização, apesar de frequentarem a escola e terem a oportunidade de contato com seus pares. O aprendizado acadêmico era muito aquém do esperado e mantinham-se os comportamentos disruptivos. Sabemos que a escola especial é a mediadora do processo de inclusão, que ainda está sendo construído no Brasil. A APAE de Pará de Minas sempre cumpriu esse papel e faz diariamente essa interlocução com as escolas.

É fato que a inclusão do aluno com autismo deve ser criteriosa e varia de acordo com as possibilidades individuais de cada um e com os apoios que deverá

receber. Incluir é reconhecer que somos diferentes, que temos padrões diferentes de aprendizagem e de comportamento. Incluir exige conhecimento do aluno em suas especificidades e em sua competência técnica. É necessário que o material pedagógico e a instrução sejam diferentes. Sem as adequações necessárias, sem o conhecimento acerca do Transtorno do Espectro do Autismo e do perfil individual do aluno, não há como fazer uma inclusão exitosa.

Além disso, a comunicação verbal é um dos problemas do aluno com TEA e o ensino, nesse caso, não pode ser baseado somente na linguagem verbal. No entanto, na escola comum, observa-se que o ensino que se pratica é através da via verbal/auditiva.

Outra questão é que o aluno com TEA não aprende, sozinho, a maioria das coisas que os outros alunos aprendem pela convivência ou por meio das experiências. Ele precisa ser ensinado a desenvolver habilidades básicas, consideradas pré-requisitos para a aprendizagem, os chamados “comportamentos acadêmicos”: esperar, ficar sentado, olhar para o outro, olhar para as tarefas, ter atenção compartilhada, atender ordens simples. Na escola comum não há a preocupação com o ensino dessas habilidades/comportamentos, pois elas são adquiridas naturalmente pelos alunos sem TEA. Outras habilidades rapidamente adquiridas pelas crianças sem TEA são as de autocuidado, como usar o vaso sanitário, lavar as mãos, comer, vestir. As crianças com autismo levam um tempo maior para adquirir essas habilidades e muitos chegam à vida adulta dependentes de seus pais ou de cuidadores, com problemas, por exemplo, para controlar esfíncteres, indicar necessidades e realizar diversas tarefas de automonitoramento. Na escola comum, o ensino dessas habilidades de autocuidado se situa dentro de um período proposto. Caso o aluno não adquira essas habilidades nesse período, geralmente elas não farão mais parte dos objetivos propostos nos anos seguintes, cabendo somente à família continuar com o ensino dessas habilidades.

Ainda insistindo nessas justificativas, que podem elucidar possíveis fracassos escolares, na escola comum atribui-se, como um dos meios de aprendizagem, a modelação de comportamentos pelo dos colegas, porém, segundo Mesibov e Shea (2005), esse tipo de procedimento pode não trazer muitos resultados para os alunos com autismo, visto que têm habilidades de imitação relativamente ineficientes. Também em relação ao uso de recompensas não tangíveis, como elogios, que é o que se pratica na escola comum, para os alunos com autismo esses trazem pouca

contribuição, pois não os compreendem ou são insignificantes para eles. As crianças com TEA apresentam melhores resultados na aquisição e na manutenção de aprendizados e de comportamentos, com o uso de reforçadores tangíveis (concretos) e, inicialmente, de forma contínua.

Diante desse cenário, ficou evidente que os alunos com TEA, que frequentavam as escolas comuns, sem ter frequentado a educação especial na APAE, com a proposta do TEACCH, eram justamente os que tinham mais experiências frustrantes de aprendizagem.

Surgiram, então, os questionamentos: Por que esperar o aluno vivenciar o fracasso na escola comum, para só então trazê-lo para a escola especial? As intervenções nas crianças com autismo mais jovens surtem mais efeito, então o mesmo se aplica com relação ao aprendizado educacional? As crianças com TEA têm dificuldade em imitar e em interagir, nesse caso, apenas estar expostas a um ambiente de escola comum será o suficiente para ajudá-los a minimizar esses déficits? Quando se deve indicar uma criança para a escola especial ou para a escola comum? Desenvolver o máximo de habilidades e minimizar os déficits, para depois incluir num ambiente com menos estrutura e adequações, não seria o caminho mais adequado?

Para obter respostas a esses questionamentos, foram realizadas visitas e acompanhamento de várias dessas crianças, nas escolas comuns de educação infantil. Percebeu-se que as escolas não estavam atendendo às necessidades especiais das crianças com autismo nelas incluídas e nem tinham profissionais habilitados para trabalhar com elas. Chegou-se, desse modo, a uma constatação: a crença de que as crianças com autismo deveriam estar na escola comum, durante a educação infantil e, caso não conseguissem êxito no ensino fundamental nas escolas que frequentavam, poderiam vir a estudar na APAE, com a proposta especializada do TEACCH, seguia uma lógica equivocada! A lógica deveria ser inversa: priorizar que a criança com TEA frequente uma escola especial, com todas as adaptações e adequações necessárias e individualizadas, numa faixa etária em que todas as intervenções e estímulos, sejam educacionais e/ou terapêuticos, surtem efeitos mais significativos e duradouros. A partir daí, iniciou-se a proposta de formar turmas de educação infantil para as crianças com TEA, seguindo a abordagem do ensino estruturado/TEACCH, na APAE de Pará de Minas.

EFICÁCIA DO ENSINO ESTRUTURADO NA EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS COM TEA, NA APAE DE PARÁ DE MINAS

O Referencial Curricular Nacional, que norteia a Educação Infantil no Brasil, é um documento que traz um conjunto de referências e orientações pedagógicas, que visam a contribuir com a implantação ou a implementação de práticas educativas de qualidade, que possam promover e ampliar as condições necessárias para o exercício da cidadania das crianças brasileiras.

A educação infantil deve proporcionar condições adequadas para: promover o bem estar da criança, seu desenvolvimento físico, emocional, intelectual, moral, social, ampliar suas experiências e estimular seu interesse pelo processo de conhecimento do ser humano, da natureza e da sociedade. Os objetivos gerais da educação infantil, definidos no Referencial Curricular, norteiam este nível de ensino no Brasil.

No entanto, segundo Fonseca e Ciola (2014), há várias implicações desses objetivos para os alunos com TEA, pois os déficits causados pelo autismo interferem diretamente no que se pretende alcançar, podendo gerar um fracasso escolar.

Como exemplos, podemos citar alguns objetivos da educação infantil e suas repercussões em relação à criança com TEA:

Observar e explorar o ambiente com atitudes de curiosidade, percebendo-se como integrante, como dependente e como agente transformador.

Implicações para o aluno com autismo:

A exploração do ambiente pelas crianças autistas pode ser feita de forma inadequada, com ênfase na exploração sensorial (tocar, mexer, comer, lambear, cheirar), uso não funcional (destruir, não simbolizar os objetos), com invasão de privacidade (mexer onde não pode, pegar coisas que não lhe pertencem) e condutas inapropriadas (agredir, não agir cooperativamente, isolamento, fugas, agitação) (FONSECA; CIOLA, 2011, p.09).

Estabelecer e ampliar as relações sociais, aprendendo, aos poucos, a articular seus interesses e pontos de vista com os demais, respeitando a diversidade e desenvolvendo atitudes de ajuda e de colaboração.

Implicações para o aluno com autismo:

A maioria das crianças com autismo, na faixa etária de 2 a 4 anos, apresenta alterações nos relacionamentos, podendo surgir agressividade, isolamento, resistência, a participar de atividades grupais e problemas com o uso funcional do brincar funcionalmente. Além disso, podem ter muitos problemas em imaginar-se no lugar do outro, não compreendendo o que o outro espera dela, característica amplamente pesquisada e divulgada pela Teoria da Mente (FONSECA; CIOLA, 2011, p. 09).

Estando essas manifestações características do autismo presentes na criança, o professor terá que adequar a forma de ensinar, minimizando os déficits e buscando, de forma individualizada, desenvolver as habilidades adequadas de exploração do ambiente, de aquisição do conhecimento e de ensino das habilidades sociais. Do contrário, a criança poderá permanecer nesses comportamentos disruptivos e não avançar no processo de aprendizagem, de socialização, de imitação e de comunicação.

A proposta educacional do ensino estruturado, na perspectiva do TEACCH, vem de encontro a essas necessidades educacionais especiais. Entende o autismo como uma desordem neurobiológica, que tem como características próprias diferentes padrões cognitivos e comportamentais. A abordagem consiste basicamente em uma proposta de ensino individualizado, na qual os pais têm uma participação importante em todo o processo educacional. Segundo Leon e Fonseca (2013), o princípio fundamental do TEACCH é o ensino estruturado, o qual busca a organização do ambiente, das atividades e da rotina, como meio de orientar a criança e ensinar-lhe novas habilidades funcionais. O espaço organizado, com atividades adequadas, escolhidas individualmente, constitui uma estrutura que poderá garantir maior capacidade de aprendizagem. Além disso, o ensino estruturado utiliza a comunicação visual, que deve ser clara e suficiente para que o aluno compreenda o que está sendo proposto, o que deverá fazer e a ordem das atividades, garantindo previsibilidade. Essa perspectiva educacional busca, por meio de uma “estrutura externa” (organização do espaço, dos materiais e atividades), criar mentalmente “estruturas internas”, que podem ser transformadas em estratégias e, mais tarde, funcionar em ambientes menos estruturados. Conhecendo o estilo de aprendizagem do aluno com autismo, é possível garantir que as modificações/adequações sejam suficientes e adequadas, de modo a aumentar a competência e a

motivação e minimizar sua frustração.

Seguindo esta proposta educacional, a APAE de Pará de Minas, a partir do ano de 2009, iniciou o trabalho com turmas de educação infantil de crianças com TEA. A faixa etária desses alunos se situa dos três aos seis anos. As turmas são compostas em média com 4 a 5 alunos e o trabalho educacional é desenvolvido pelas professoras regentes e monitoras, com o apoio da equipe técnica, composta por pedagoga, psicóloga, fonoaudióloga, terapeuta ocupacional e assistente social. Algumas famílias, inicialmente, mostravam-se resistentes, com receio do filho não ter modelos de crianças típicas para conviver e imitar na escola especial. Contudo, a argumentação levada a efeito com os pais foi o esclarecimento sobre a vantagem da oferta de uma educação especial adequada e desenvolvida para as necessidades educacionais dos seus filhos, um ensino individualizado e respaldado nos princípios do TEACCH. Conhecendo melhor a proposta, os pais se tranquilizavam, convencendo-se que essa opção de escola seria a melhor para seus filhos. Além disso, foram programadas sessões de grupo mensais, no formato de psicoeducação, oferecendo aos pais um conjunto de informações sistemáticas e didáticas sobre o TEA, proporcionando momentos de troca de experiências, de orientações e de fortalecimento dessas famílias.

As bases mais fortes de sustentação desta proposta de ofertar a educação infantil na escola especial da APAE de Pará de Minas para os alunos com autismo são o conhecimento teórico descrito na literatura e as evidências, constatadas na prática, de que a criança com TEA, até os cinco anos de idade, vivencia o melhor período de aquisição de habilidades e de diminuição de déficits. Diversos estudos destacam a intervenção precoce como fator fundamental para a melhoria do quadro clínico do autismo, gerando ganhos significativos e duradouros no desenvolvimento da criança (BACKES; BOSA; ZANON, 2014). Devido à plasticidade cerebral, a precocidade da intervenção desempenha papel importante, potencializando os efeitos positivos da mesma. Portanto, quanto mais cedo a intervenção começar, menos acentuado será o desvio no desenvolvimento da criança. A escola pode ser um dos meios mais importantes para se realizar esta intervenção.

Ademais, estudos indicam que os ganhos decorrentes da intervenção precoce podem reduzir consideravelmente os gastos dos familiares no tratamento das crianças com TEA, bem como os dos sistemas de saúde pública, quando se analisa

os resultados em longo prazo (BACKES; BOSA; ZANON, 2014).

Entretanto, para que as intervenções sejam bem sucedidas, tanto do ponto de vista terapêutico, quanto do educacional e escolar, é necessário que sejam adequadas às reais demandas de cada criança. A abordagem educacional usada deve ser focada no conhecimento sobre as formas singulares com que as pessoas com TEA aprendem. De acordo com as pesquisas realizadas pelo TEACCH, o ensino estruturado é o meio facilitador mais eficiente para a “cultura do autismo”. Em seu artigo, Gary Mesibov explica que:

O autismo funciona como uma cultura, sob a perspectiva de que ele produz padrões de comportamento característicos e previsíveis nas pessoas sob esta condição. O papel do professor de um aluno com autismo é semelhante ao intérprete transcultural: alguém que entende ambas as culturas e é capaz de traduzir as expectativas e procedimentos de um ambiente não autístico para o aluno com autismo. Desta forma, para ensinar um aluno com autismo, devemos entender muito bem a sua cultura e os pontos fortes e os déficits associados a esta. (MESIBOV)

O ensino estruturado é o apoio, para que o aluno com Transtorno do Espectro do Autismo consiga superar os déficits relacionados ao autismo e seja bem sucedido em sua experiência de aprendizagem. Estruturando fisicamente o ambiente de aprendizagem, de acordo com o nível de compreensão do aluno, o efeito dos déficits e de suas consequências é minimizado. Um dos papéis do professor é ensinar o aluno a aprender e para tal deve planejar a estrutura individual, de acordo com as necessidades de cada um.

O processo de aprendizagem e de desenvolvimento dos alunos com TEA podem ser melhor compreendidos, quando se considera os déficits presentes nas áreas afetadas (comunicação social, interação e padrões repetitivos e estereotipados), pois isto gera um estilo cognitivo, onde há maior facilidade com o universo concreto, do que com o de ideias abstratas. De acordo com as pesquisas do TEACCH, o aluno com autismo tem mais facilidade: em receber e transmitir a comunicação através de cartões, do que através da linguagem verbal; com estrutura e rotina; com imagens e uso da memória visual; em seguir sequências visuais e concreta se em aprender por memorização. Em contrapartida, tem mais dificuldade: para estabelecer relações entre os eventos e, conseqüentemente, para generalizar;

para imitar; para agir e pensar criativamente; para solucionar problemas cognitivamente; para planejar; para perceber a sequência temporal; para manter a atenção; para simbolizar; para ironizar; para inventar (raciocínio literal) e para entender regras sociais.

Assim, é conveniente ensinar através da estrutura de materiais e de apoios necessários, que podem ser: físicos, gestuais, verbais, de demonstração. As situações livres, de exploração do ambiente e dos materiais, devem ser evitadas, pois podem conduzir à destruição dos materiais e reforçar os comportamentos estereotipados de manuseio dos objetos como: jogar, bater, rodar, amassar etc., os quais não contribuem para proporcionar avanços cognitivos. O ensino estruturado, na perspectiva do TEACCH, propõe que se ensine o “acerto” e se evite que o aluno aprenda o “erro”, ou seja, a chamada aprendizagem sem erro. Na aprendizagem sem erro, toda a estrutura visual e os apoios oferecidos devem garantir que, ao realizar a tarefa, o aluno a faça corretamente. Na aprendizagem sem erro, deixamos de lado o histórico de fracassos e ensinamos a criança a aprender (RIBEIRO, 2010). Na rotina diária das turmas de crianças com autismo, trabalha-se com sequências concretas, as regras são claras e com boa visualização, são oferecidas pistas sobre as atividades, evita-se situações artificiais, as indicações visuais estão presentes na comunicação da rotina, com o uso de painéis, agendas, *checklists*. As indicações visuais devem estar presentes nas tarefas, nos espaços e nos materiais. As salas de aula se organizam com minimização de estímulos sensoriais, evitando a sobrecarga de estímulos simultâneos. Com a estrutura e a rotina, proporciona-se previsibilidade, diminuindo a ansiedade dos alunos com TEA e possibilitando que compreendam melhor o que se espera deles e o que devem fazer.

Na experiência do uso do ensino estruturado, na perspectiva do TEACCH, na APAE de Pará de Minas, para os alunos com autismo, os resultados positivos foram visíveis, tanto do ponto de vista dos alunos, quanto da escola. Podemos citar os principais: evidenciou-se a facilitação do processo de ensino-aprendizagem em sala de aula, em decorrência da estruturação das atividades e do ambiente; possibilitou a adequação dos conteúdos pedagógicos, de acordo com as necessidades individuais dos alunos; houve uma acentuada diminuição de comportamentos disruptivos, como estereotipia, autoagressão, hetero agressão, ecolalias e destrutividade; o uso da comunicação visual se mostrou nitidamente mais clara e eficaz; houve um incremento da linguagem oral dos alunos; ampliação da aquisição de habilidades

sociais; melhor assimilação dos conteúdos acadêmicos; os profissionais ficaram mais seguros, tranquilos, confiantes e unidos, gerando um trabalho cooperativo; famílias se tornaram mais participativas no desenvolvimento de seus filhos e houve uma conseqüente melhora na qualidade de vida. Esses resultados, observados na prática, foram acompanhados através de registros em avaliações, relatórios, reavaliações e mesmo em observações informais, ou seja, em relatos de diversos profissionais da APAE, não diretamente envolvidos com esses alunos, mas que convivem com eles na instituição, em diversos momentos, como recreio, auditórios, horário da merenda escolar no refeitório etc. Também ficou evidente, nessa prática, que as aquisições de habilidades e de competências acontecem de forma mais rápida nos alunos mais jovens, do que nos alunos maiores, do ensino fundamental. Mesmo nos casos dos alunos mais comprometidos, com grau moderado e severo de autismo, observou-se melhor resposta diante da estrutura e da rotina. Assim, nessa proposta educacional, verifica-se a possibilidade de que o desvio causado pelo autismo fique menos acentuado, aumentando a superação e/ou compensação dos déficits.

CONCLUSÃO

Aliando o conhecimento sobre o Transtorno do Espectro do Autismo e a necessidade do ensino estruturado desde a mais tenra idade, é possível oferecer uma educação baseada no estilo de aprendizagem da criança com TEA, garantindo que as adequações sejam suficientes e adequadas, aumentando a competência e a motivação e minimizando a frustração. Quando se tem uma compreensão mais aprofundada do aluno e o professor conhece as ferramentas para lhe dar apoio, abre-se a possibilidade de se oferecer um processo educacional com êxito, respeitando as características individuais. No entanto, a eficácia do uso do ensino estruturado na educação infantil também depende da experiência e do conhecimento dos profissionais sobre o autismo e de sua habilidade de trabalhar em equipe e com a família. Os resultados alcançados fortalecem a continuidade das ações que a APAE de Pará de Minas vem desenvolvendo na esfera educacional dos alunos com TEA. Finalizando, a própria concepção de autismo já define os caminhos pedagógicos e as finalidades da educação para os alunos com TEA. Esta educação proporciona, às pessoas com TEA, maior independência em todas as suas áreas de atuação, favorecendo uma melhoria na qualidade de vida delas e de suas famílias.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO DE AMIGOS DO AUTISTA. **Apostila treinamento no Método TEACCH**, São Paulo: AMA, 2008.

BACKES, Bárbara; BOSA, Cleonice Alves; ZANON, Regina Basso. Identificação dos primeiros sintomas do autismo pelos pais. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v.30, n.1, jan./mar. 2014.

CDC | Data and Statistics | **Autism Spectrum Disorder (ASD)** | NCBDDD. Disponível em:<www.cdc.gov/ncbddd/autism/data.html>

MANUAL diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

FONSECA, Maria Elisa Granchi; CIOLA, Juliana de Maria Elisa Granchi. Conversando sobre objetivos educacionais. Cap.2, Curso TEACCH, Uniapae, 2011, [Material produzido por Maria Elisa Granchi Fonseca e Juliana de Cássia Baptistella Ciola. Oferecido para o curso TEACCH UNIAPAE Turma 1, 2011]. Disponível em:<<https://pt.scribd.com/document/98891143/Apostila-Adequacoes-curriculares>>. Acesso em: 25 jul. 2016.

FONSECA, Maria Elisa Granchi; CIOLA, Juliana de Maria Elisa Granchi. **Estratégias do dia a dia e práticas diárias para o suporte de crianças com autismo**. Adaptado de Willis, Clarissa. 2006. Teaching Young children with autismo, spectrum disorder. Beltsville, MD: GryphonHouse.

FONSECA, Maria Elisa Granchi; CIOLA, Juliana de Cássia Baptistella. **O programa TEACCH: estrutura e formas de aplicação na realidade brasileira**. Pirassununga, v.1, 2008.

MESIBOV, Gary; SHEA Victoria. Full inclusion and students with autism. **Journal of Autism and Developmental Disorders**.v. 26, n. 3, 2005.

MESIBOV, Gary B.; SHEA, Victoria. **A cultura do autismo: do entendimento teórico à prática educacional**. Tradução: Marialice de Castro Vatauvuk. [S.l.]: Profala, 2016. Disponível em:< <http://www.profala.com/artautismo5.htm>>. Acesso em: 25 jul. 2016.

RIBEIRO, Sabrina. Aba: Uma intervenção comportamental eficaz em casos de autismo. **Revista Autismo**, Edição 0, ago. 2010.

SCHMIDT, Carlo (Org.). **Autismo, educação e transdisciplinaridade**. [S.l.]: Papirus, 2013. Cap.10 p. 179-199. (Educação Especial).

SCHWARTZMAN, José Salomão. **Autismo infantil**. São Paulo: Editora Memnon, 2003.

TULIMOSCHI, Maria Elisa Granchi Fonseca. O autismo no estado de São Paulo: o que fazem as APAES? **Temas sobre desenvolvimento**, v.12, n.71, p.26-42, nov./dez. 2003.